

O dia a mais



“Vence a tristeza, enxuga o pranto”

O que celebramos?



domingo de páscoa é a máxima solenidade do ano litúrgico” (DPPL, 148). Segundo uma antiga tradição, esta noite é consagrada ‘em honra do Senhor’ “e a vigília que nela se celebra, comemorando a noite santa em que o Senhor ressuscitou, deve ser considerada a ‘mãe de todas as santas vigílias’. Nesta vigília, a Igreja permanece à espera da ressurreição do Senhor e a celebra com os sacramentos da iniciação cristã” (PCFP 77) (...) “Com efeito, a ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé e da nossa esperança, e por meio do Batismo e da Confirmação fomos inseridos no mistério pascal de Cristo: mortos, sepultados e ressuscitados com Ele, com Ele também havemos de reinar” (PCFP 80).

Domingo da Ressurreição

Descem dois discípulos para Emaús. Não bastam os relatos das mulheres que proclamam a novidade. Ainda doía muito o sofrimento da cruz. A festa parecia sonho, e não realidade. O coração transbordava noite e pintava o céu de escuro. Mas a escuridão tem parceiro novo... Um terceiro se coloca no caminho dos viajantes. Conversa, passa por desconhecido aos olhos turvos dos caminheiros, pergunta pela vida, escuta e dá palpite. Faz que vai adiante, mas aceita o convite. Entra para cear como hóspede e se faz de anfitrião. Toma o pão, abençoa e parte. Os olhos turvos se abrem e a luz chega ao coração.

Assim é o Domingo da Páscoa: confirmação do anúncio da Ressurreição. Festa que se prolonga no coração de nossa vida e por mais cinqüenta dias para tirar qualquer resto de dúvida, de treva, de pranto e de desesperança. É o dia primordial que a mãe Vigília pariu. É a festa que faz confirmar a fé na vida nova.

É experiência de luminosidade sobre os acontecimentos obscuros da caminhada. É pão que se parte para abrir os olhos e para fazer perceber o coração em chamas. Domingo é a experiência do novo que se repete, mas que continua novo. Pois se a morte ainda insiste é porque a gente esquece...

O que nos diz a Bíblia?

Contra os que anunciam não haver ressurreição, Paulo confirma a fé da comunidade. (1Cor 15,12-22)

Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a vossa fé. Se os mortos não ressuscitam, estaríamos testemunhando contra Deus que ele ressuscitou Cristo enquanto, de fato, ele não o teria ressuscitado. Pois, se os mortos não ressuscitam, então Cristo também não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé não tem nenhum valor e ainda estais nos vossos pecados. Então, também pereceram os que morreram em Cristo. Se é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão.

Mas, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram. Com efeito, por um homem veio a morte e é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados.”

Círio Pascal

No início da Vigília pascal, acompanhamos o rito do acendimento do círio pascal. Esse gesto é um dos mais antigos da liturgia da Vigília e nos recorda a grande coluna de fogo que guiou o povo no deserto para a terra prometida e a vida de Cristo que, como verdadeira luz,

ilumina o mundo. Nessa grande e solene vela, estão assinalados a cruz, o ano em curso, e as letras alfa e ômega, para recordar a todos nós que a Páscoa do Senhor, princípio e fim, nos alcança a todos com força sempre nova. Além disso, o círio recebe durante a Vigília cinco cravos de incenso simbolizando as cinco chagas santas e gloriosas do Senhor.

O canto do Exultet que se segue ao acendimento das velas na Igreja, durante a procissão de entrada do círio na Vigília, recorda o sentido glorioso daquela noite santa. Feito de cera o círio também recorda a oferta perene que a Igreja faz de si mesma para ser sinal da luz de Cristo para o mundo.

O círio permanecerá aceso ao lado da estante da Palavra ou Pia Batismal durante todo o tempo pascal até a tarde da solenidade de Pentecostes. Concluído o tempo pascal, ele permanece ao lado da pia batismal para acompanhar o rito do Batismo durante o ano e no rito de exéquias.

Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor

A Missa da vigília é a verdadeira missa do Domingo da Páscoa. Mas está prevista uma outra missa durante o dia, principalmente para quem não pôde participar da vigília por algum impedimento. Esta é como que o prolongamento da vigília. Por isso, mantenham o clima pascal festivo da vigília.

A estrutura da celebração é a mesma de todos os domingos, com Glória, Seqüência de Páscoa após a segunda leitura, Creio, prefácio próprio. Alguns lembretes, observações e sugestões:

- Mantenha-se o círio pascal aceso.
- Deve-se fazer, no lugar do rito penitencial, a aspersão com a água batismal da vigília. Canto para acompanhar a aspersão, como na vigília.
- Recita-se o Glória..., com melodia mais festiva que de costume.
- A seqüência pascal é um hino ao Cristo, Cordeiro Pascal, que enfrentou a morte e a venceu.
- O Evangelho pode ser dramatizado.
- Na oração dos fiéis, a resposta cantada pode ser, por exemplo: *Escutai-nos, Senhor da glória!*
- Comunhão no pão e no vinho; quem comungou na vigília, pode comungar também nesta missa do dia da Páscoa.

A despedida é cantada com dois aleluias: (Ministro:) Bendigamos ao Senhor, aleluia, aleluia!... (Povo:) Demos graças a Deus, aleluia, aleluia!

Orientações Litúrgicas para o Tempo Pascal **“Novas criaturas! Nova aliança! Novo espírito!”**

Apresentamos as seguintes considerações e orientações:

O Tempo Pascal dura 50 dias. O número é simbólico: trata-se de $7 \times 7 + 1$, assim como o Domingo, dia da ressurreição é o dia $7 + 1$, o 'dia após o Sábado'. Este tempo constitui como que 'um grande Domingo', um grande dia alegre festivo, em que celebramos a vida do Ressuscitado. Após a preparação da Quaresma, cabe agora expressar e vivenciar a alegria daqueles que 'ressuscitaram' com Cristo e como que antecipar a vida definitiva. Diz Santo Agostinho: “O tempo antes da Páscoa representa as tribulações que passamos nesta vida. O que celebramos agora, depois da Páscoa, significa a felicidade que alcançamos na vida futura. Portanto, antes da páscoa celebramos o que estamos vivendo; depois da Páscoa celebramos o que ainda não possuímos”.

O Tempo Pascal divide-se assim:

A primeira semana é chamada de Oitava de Páscoa, todos os seus dias são celebrados com solenidade (canto do Glória). Nela escutamos as várias narrações da ressurreição de Jesus. O último dia da oitava (segundo domingo) é dedicado à Misericórdia Divina. Serve para aprendermos a confiar na imensa misericórdia do Senhor, assim como fez Tomé depois do encontro com o Ressuscitado.

Os domingos entre Páscoa e Pentecostes são chamados de 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º domingos da Páscoa. A festa da Ascensão deveria ser celebrada normalmente numa quinta-feira (quarenta dias depois da Páscoa). No entanto, no Brasil ela é transferida para o domingo seguinte, ocupando assim o sétimo domingo de Páscoa.

O terceiro domingo é dedicado à eucaristia e a escuta da palavra. Seguimos o caminho dos discípulos de Emaús. Reconhecemos o Cristo no do pão e na escuta da palavra. Valorizar nas preces à própria comunidade como seguidores do ressuscitado.

O quarto Domingo é chamado do Bom Pastor e é também o Dia mundial de oração pelas Vocações. O papa pede à Igreja um mutirão de oração pelas vocações sacerdotais.

No sétimo Domingo celebra-se a Ascensão de Jesus, e no oitavo Domingo a festa de Pentecostes (palavra que significa: quinquagésimo dia).

Ascensão

O que celebramos?

A palavra “ascensão” significa “subida”. Jesus foi rejeitado e condenado à cruz pela justiça dos poderosos, mas, agora, Deus o faz sentar à sua direita; isto é, Deus lhe dá o poder de julgar e de governar o mundo inteiro. Jesus foi “elevado”. “Subiu”. Era considerado réu, e Deus fez dele o juiz. Tomou-se o Senhor da história. Hoje, ele nos envia para proclamar esta mensagem em todos os recantos da terra.

A festa da ascensão nos faz tomar consciência da nova maneira de Jesus estar presente entre nós: “sentado à direita do Pai”. Depois de sua vitória sobre os poderes da morte que procuram esmagar a vida, principalmente dos pequenos e humildes, Jesus anima a sua Igreja pelo seu Espírito, para que continue sua missão, anunciando e realizando o Reino, colaborando na transformação da sociedade, tornando-a justa, fraterna, pacífica..., procurando a comunhão com Deus e com os irmãos.

Os dias que vão da Ascensão a Pentecostes são chamados de Novena de Pentecostes. Neles vivemos no Brasil a Semana de oração pela Unidade dos Cristãos, promovida pelo CONIC. Seria bom preparar um encontro de oração na comunidade pedindo a força do Espírito Santo pela unidade das igrejas cristãs.

No domingo de Pentecostes, rezamos pela vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e a igreja, é de importância que valorizemos este dia e celebremos como uma grande festa.

Pentecostes

O que celebramos?

Na festa de Pentecostes, celebramos a vinda do Espírito Santo, enviado pelo Pai com a morte-ressurreição de Jesus. Há dois modos fundamentais de entender esta festa. Estamos acostumados a entendê-la como memória da descida do Espírito Santo, acontecida no quinquagésimo dia após a Páscoa. Mas uma tradição mais antiga, ligada ao apóstolo São João, vê Pentecostes como uma festa que dura cinquenta dias, iniciando-se com a Páscoa. Afinal, não diz o evangelho de João que Jesus soprou sobre os discípulos para que recebessem o Espírito Santo, no dia da Páscoa? Portanto, de acordo com esta tradição, comemora-se a presença de Jesus “segundo o Espírito”, a partir da ressurreição.

O vermelho domina essa solenidade, associado ao fogo, símbolo do amor. O Espírito Santo é chamado de “Espírito do Amor”.

A mensagem de Pentecostes vem sobretudo das leituras dessa solenidade, que são sempre as mesmas: Atos 2,1-11; Coríntios 12,3b-7.12-13; João 20,19-23. Eis alguns temas que deveriam ser aprofundados: 1. O supremo dom do Pai e de Jesus à humanidade é o Espírito Santo. 2. Soprando sobre os discípulos, Jesus está recriando a humanidade mediante o sopro do Espírito. 3. Recebendo o Espírito de Jesus, os cristãos recebem igualmente a mesma missão. 4. O Espírito é dado a todos. Ninguém fica sem ele, e ninguém o possui plenamente. 5. O Espírito leva a humanidade a formar uma só família, no amor, diferentemente de Babel-confusão, em que as pessoas não se entendem.

O Tempo Pascal exprime novidade de vida: é a vida nova de Jesus ressuscitado, é a vida nova do cristão que foi batizado. Se a Quaresma era preparação batismal, agora é tempo de viver como novas criaturas! A leitura de Atos nos indica que o tempo pascal é também o tempo da Igreja, nascida da Páscoa de Jesus, comunidade dos batizados. Tempo eucarístico: a Eucaristia é a fração do pão na qual Jesus se faz presente, une ao redor da mesma mesa e faz crescer a sua Comunidade.

Repare-se que só se usam na liturgia deste tempo, leituras tiradas do Novo Testamento: a Primeira sempre dos Atos dos Apóstolos e o Evangelho quase sempre de São João.

Ao longo deste tempo podemos reparar um deslocamento de enfoque: se na primeira parte (Oitava, primeiros três Domingos) a nossa atenção é dirigida às aparições do ressuscitado, a fim de confirmar nossa fé num fato tão inaudito, passamos depois a aprofundar as novidades da vida cristã (leitura dos grandes discursos de Jesus em João nos dias de semana e sua retomada aos Domingos). Na última parte, a nossa atenção se dirige à vinda do Espírito Santo que Jesus nos prometeu para não nos deixar órfãos. Que esta divisão também seja notada nos cantos: da ressurreição na primeira parte, da novidade de vida, da Igreja e da Eucaristia na parte central, do Espírito Santo (cantos de Pentecostes) nas últimas semanas (não é bom reservar os cantos de Pentecostes só ao dia da festa).

Entre os símbolos litúrgicos do Tempo Pascal destacam-se:

O Círio, que deve ficar bem visível, ao lado do altar, e aceso desde a chegada do povo, a menos que seja previsto seu acendimento no próprio rito, conforme as orientações do subsídio. Acende-se em todas as celebrações litúrgicas do Tempo pascal.

A Água. Nas missas dominicais podemos sempre substituir o rito penitencial pela aspersion com a água batismal, lembrando que este momento deve ser acompanhado por cantos alegres, de cunho batismal e não penitenciais. Não deixar faltar, por todo o tempo pascal, água benta para o povo levar para as suas casas (a bênção se repete ao fazer a aspersion na liturgia dominical).

O Aleluia, típica aclamação pascal, explosão de alegria e louvor, nunca falte nos cantos e, sobretudo na aclamação ao Evangelho. É bom aclamar a conclusão da Oração eucarística: AMÉM ALELUIA!

A Eucaristia (não é símbolo, mas realidade) é a mais alta maneira que temos nesta vida de encontrar o ressuscitado. Ele está no meio de nós! Procuremos valorizar nas missas e celebrações.

No Mês de Maio, segundo tradição, daremos atenção também a Maria, a mãe do ressuscitado (e às nossas mães no dia a elas dedicado, 13 de Maio). Maria é imagem e modelo da Igreja, mulher eucarística. A prática popular do Terço não deixa de ser contemplação da presença de Jesus.



Pesquisa e Organização:

Fernando Neves de Jesus

✉ fernandoparouquia@ig.com.br

Paróquia de Santo Alberto Magno

Diocese de Guarulhos/SP

Ano Santo do Senhor de 2013

Bibliografia :

Roteiro Paroquial Domingo de Páscoa e Tempo Pascal 2012

Preparando a Páscoa:

Quaresma, Páscoa e Pentecostes – Ione Buyst – Paulinas

Domingo da Páscoa – O dia a mais – Editora Salesiana